Normalmente eu me sentia cansada ao acordar, mas hoje não.

Enquanto na maioria das manhãs era impossível para mim me forçar a sair do sono, minha mente agora estava perfeitamente ativa.

Fiquei alguns momentos encarando o teto antes de desviar o olhar para minha mão direita — a que estava fora das cobertas.

Ela já não estava mais entrelaçada com a da Adachi. Em algum momento durante a noite, as mãos haviam se separado.

*Seria por causa do meu jeito inquieto de dormir? Parecia que sim.*

Minha mão ainda estava um pouco quente e, de certa forma, era como se Adachi ainda estivesse ali.

Afastei o cobertor e me levantei. Ainda estava bem escuro. *Que horas seriam?* Olhei para o relógio na parede — e também para o canto do quarto para ter certeza de que minha mochila ainda estava lá — antes de lançar um olhar em direção à Adachi. Ela dormia tranquila, com o rosto voltado para o meu lado. As outras três também. Eu nem precisava olhar para as camas delas pra saber disso; os roncos bastavam como prova. *Então, e agora? Deveria voltar para a cama?* Fiquei ali parada por um momento, pensando nisso.

No entanto, logo percebi que havia algo que talvez eu devesse resolver agora, enquanto tinha a chance.

Peguei minha mochila e, tomando cuidado para não fazer barulho, saí do quarto.

O som dos meus passos foi abafado pelo carpete enquanto eu andava pelo corredor. Sem sentir a presença de mais ninguém por perto, desci as escadas até chegar ao saguão. A loja de lembrancinhas ali já parecia estar aberta, embora, pelo jeito, eu fosse a primeira cliente do dia. Cumprimentei a pessoa atrás do balcão enquanto comprava um pão recheado com geleia. *Então, essa acabou sendo minha primeira compra da viagem, hein?* Não consegui evitar soltar uma risadinha.

Havia uma máquina de venda automática instalada no corredor. Agachada à sua sombra, coloquei minha mochila no chão e estendi o pão com geleia.

"Tá acordada?"

"Bom dia", respondeu Yashiro, colocando a cabeça para fora. Seus olhos brilharam ao ver o pão.

"Aqui está seu café da manhã."

"Oooh!"

Ainda dentro da mochila, ela pegou o pão da minha mão, abriu a embalagem e começou a devorar.

"Tá bom?"

"Delicioso."

*Que bom.* Melhor ainda era o fato de que ela conseguiu comer o pão sem que ninguém a visse.

Tenho que dizer, era bem engraçado ela estar aqui.

Me peguei sentindo um pouco de preocupação pela minha irmã. *Será que ela estava lidando bem com a ausência de nós duas?*

"Espero que ela não sinta muito a minha falta."

"Devia ter pedido pra Pequena vir comigo."

"Não, com certeza você não devia."

Enquanto Yashiro podia desafiar tudo o que conhecíamos sobre o universo, minha irmã era só uma garotinha comum.

Não demorou muito para a Yashiro terminar de comer o pão. Fui logo limpando a boca dela, que ainda tinha um restinho de geleia.

"Muito obrigada."

Não, não. Eu só tava fazendo isso porque não queria minha mochila suja de geleia ou pão.

"Agradeço pela comida, Shimamura."

"Hahaha."

Tendo dito isso, ela mais uma vez desapareceu dentro da mochila. Parecia um bichinho pequeno se enfiando no ninho.

Foi só isso que eu recebi. Um simples "obrigada".

"Hahaha."

Mas, pensando bem, eu não deveria reclamar; não havia forma mais pura de gratidão.

Se ela tivesse me dado algo em troca, algo concreto, aí já seria uma troca, não um favor.

*Será que esse era um fator que a Yashiro levou em consideração ao escolher como responder? Não, claro que não. Isso era óbvio.*

"Bom...", murmurei enquanto pegava a mochila. Lembrei de um mangá que li certa vez, sobre um delinquente cuidando de um gato que encontrou atrás da escola. *Será que era assim que ele se sentia? Talvez. Aliás, falando nisso, até o ano passado, Adachi também era considerada uma delinquente, né?* Não consegui segurar o riso ao pensar nisso.

Eu estava prestes a me levantar com a intenção de voltar para o nosso quarto quando ouvi uma voz atrás de mim. Me certifiquei de manter a mochila escondida e rapidamente me virei.

Acabei sendo eu quem a cumprimentou primeiro.

"Opa."

"Bom dia."

Era a Panchos. *Como eu sabia que era ela e não a Sancho? Bom, o cabelo dela era um pouquinho mais comprido. A testa também era mais larga. Espera... ou era o contrário? Enfim.*

Bastava uma olhada no estado do penteado dela para perceber que tinha acabado de sair da cama. A franja estava toda arrepiada, e o agasalho que usava no lugar do pijama estava todo amarrotado. Outro detalhe que contribuía para o visual meio largado eram as calças; as pernas eram compridas demais, então ela vivia pisando nelas. Falando nisso, o mesmo destino tinha atingido seus tênis — os calcanhares estavam completamente amassados.

Sinceramente, encontrar a Panchos aqui era a última coisa que eu esperava. Mais ainda: nunca imaginei que ela viria até mim por vontade própria.

"Você acordou bem cedo, hein?"

"Tirou as palavras da minha boca."

Apesar de acordada, as pálpebras dela ainda estavam pesadas. Ficou parada ali em frente à máquina de vendas e, depois de pensar por alguns segundos, apertou o botão escrito "chá". Um segundo depois, percebeu que nem tinha colocado as moedas.

"Que vergonha."

As bochechas dela ficaram levemente coradas enquanto tirava a carteira do bolso. Parecia que estava envergonhada por eu estar vendo aquilo.

"Não achei que fosse encontrar outra aluna por aqui."

"Tá tão cedo...", disse ela, enquanto esfregava os olhos. “É, realmente estava.” Respondi algo vago nesse sentido.

Depois de inserir as moedas na máquina, Panchos apertou o botão do chá mais uma vez — agora, duas vezes. Caíram duas garrafinhas de plástico. Ela pegou ambas e também o troco, e então me estendeu uma das garrafas.

"Aqui."

"...Valeu."

*Por que ela compraria uma para mim? Não fazia ideia.* Com a garrafa dela em uma mão e a bolsa na outra, Panchos veio andando até mim.

Deu para ouvir um ronronar discreto vindo da garganta dela enquanto tomava um gole grande do chá. Depois soltou um suspiro.

Fiquei encarando a parede do outro lado do corredor. Panchos, em pé ao meu lado, fez o mesmo.

Mesmo depois que me sentei de novo, ela continuou ali, parada.

*Será que não ia embora? Pelo visto não.*

*E agora? Devia abrir a garrafa que ela me deu e tomar um gole?* Comecei a ficar inquieta, sem saber o que fazer.

Foi então que a própria Panchos resolveu quebrar o silêncio desconfortável.

"Ei, hã... você e a Adachi... vocês tão, tipo, juntas?"

Sem hesitação. Sem rodeios. Ela simplesmente falou.

Minha primeira reação foi o silêncio. Eu não fazia ideia de como devia responder aquilo.

Pelo visto, eu não era a única confusa com a situação; ignorando minha falta de resposta, Panchos se apressou em esclarecer:

"Ah, mas não me leva a mal. Não vou rir nem nada. Nem contar pras outras."

"Pode confiar em mim", ela disse, levantando levemente os braços. Olhando com mais atenção, eu tinha que admitir: os músculos dela eram bem firmes.

*Mais firmes que a boca, com certeza.*

"Você é bem fortinha, hein?"

"Eu malho, então, é."

*Por qual lógica bizarra músculos tornavam alguém mais confiável? Hmm... Ah, tanto faz. Não era como se isso importasse.*

Vamos apenas dizer que havia sinceridade nos músculos dela e deixar por isso mesmo.

"Pode pensar o que quiser", respondi da forma mais vaga possível à pergunta anterior dela, ganhando de volta um resmungo baixo enquanto Panchos desviava os olhos.

"Então... vocês são um casal? Um casalzinho apaixonado?"

"Você tem certeza que é uma colegial?"

Tinha algo na escolha de palavras dela que me fazia duvidar de sua idade.

"Sou sim, sou sim", respondeu de volta. Ainda assim, não fiquei convencida. "Sou o exemplo perfeito de uma... sabe, aquele jogo... Tsum Tsum? Eu jogo direto."

"Ah, é mesmo?"

Parecia que ela só conhecia o nome. Eu também. Ainda assim, ficava me perguntando: *será que um "exemplo perfeito" de estudante do ensino médio jogaria Tsum Tsum? Não sei não.*

"Hmm... Enfim. É isso."

"Se não souber o que dizer, não precisa forçar nada."

"Que alívio."

Uma risada vazia escapou da boca de Panchos enquanto ela fechava os olhos. Um segundo depois, ela os abriu e lançou um olhar na minha direção.

"Então, um casal?", perguntou de novo. Dessa vez, ela tinha conseguido pronunciar certinho.

"Hmm. É, acho que dá pra dizer isso. Um casal."

Adachi tinha me pedido em namoro, e eu aceitei. *Realmente não havia outra palavra pra descrever o que éramos, né?*

"Eu... nunca vi um casal antes."

"É mesmo?"

"É. Ah, digo, um casal de garotas. Isso. Ouvi uns boatos há um tempo, de que tinha duas meninas namorando na escola, mas você sabe como é. Quando não tem a ver com a gente, são só boatos."

Um leve rubor apareceu no rosto de Panchos enquanto ela dizia isso. Parecia que ela estava refletindo sobre si mesma.

*Será que ela gostava de alguém na escola? E por isso achava que o assunto não a dizia respeito? Talvez.*

"Entendi."

Girei a tampa da garrafa e a tirei. Agradeci Panchos mais uma vez e levei a garrafa até a boca.

*Que sabor era esse? Sabor suave? Era o que dizia no rótulo.*

Bom, de qualquer forma, gostei do sabor.

"Pensando bem... Hmm, é."

"O quê?"

"A gente tá atrapalhando, né?"

Com os joelhos levemente dobrados, Panchos me encarava como se esperasse por uma resposta.

"Eu nunca senti isso. Que vocês estavam atrapalhando."

"Eu só quis dizer... você não preferia ter o quarto só pra vocês? Pra, tipo, sei lá..."

"Pra quê?"

"Err..."

Dessa vez, ela abaixou a cabeça e escondeu o rosto atrás das mãos. Dava para ver que ela me espiava pelas frestas entre os dedos.

"Tenho certeza de que você sabe do que eu tô falando."

"Não, não sei."

"Tipo... se beijar e tal?"

"Não numa viagem escolar."

"Então, se a gente não tivesse lá, vocês iam?"

Tantas perguntas seguidas. Me fez pensar: *Será?*

A gente nunca tinha passado de um beijo na testa.

*Hmm... Suponho que isso já conte, né?*

"Ainda somos amigas por correspondência."

"Amigas por correspondência? Como assim?", ela perguntou, confusa. Não parecia que estava fingindo. Na real, tive a impressão de que ela genuinamente não fazia ideia do que eu estava falando.

Ela não conhecia o termo "amigas por correspondência"? Senti uma grande lacuna geracional entre nós, o que era estranho, já que tínhamos a mesma idade.

*Qual outra palavra eu podia usar aqui? Hmm...*

"Tipo... amigas por mensagens."

"Hã? Amigas."

"Bom, então digamos amantes por mensagens."

"Muda assim, do nada?"

Panchos balançou os ombros. *O que eu deveria responder a isso? Eu não sabia.* Sentia um leve sorriso surgindo no meu rosto enquanto virava a cabeça pro outro lado.

Se eu tivesse que resumir nossa conversa até agora em uma palavra, diria que tinha sido bem agradável.

Panchos parecia compartilhar do mesmo sentimento; apesar de certamente inquieta, também estava sorrindo.

"Me diz... como são as coisas entre você e a Adachi?"

"Hã? Err, normais?"

"Só amantes normais? Como é que funciona?"

"Desculpa, mas eu realmente não sei mais o que dizer..."

Não era mentira; era exatamente como eu me sentia. *O que será que os casais do mundo passavam os dias fazendo? Eu não fazia ideia.*

Panchos foi lá e fechou sua boca, como quem dá um empurrãozinho no queixo para cima.

"Ah, entendi."

Pelo tanto de perguntas, fazia sentido presumir que tudo isso estava um pouco fora da área de conhecimento dela. Ela esperou alguns segundos antes de continuar:

"Vocês saem, tipo, em encontros? Onde?"

"Umm... acho que às vezes a gente passa no shopping ali perto."

"Também, hein?"

“Igual a gente”, ela logo acrescentou, apontando para si mesma. Respondi com um aceno de cabeça.

"Isso conta como um encontro?"

"Não conta?"

Eu não tinha a intenção de dizer aquilo. Não, as palavras simplesmente saíram da minha boca. Embora Panchos ainda parecesse duvidosa, ela acabou assumindo o papel de quem estava acenando com a cabeça dessa vez.

"Hmm... Bem, ainda assim, acho que entendi de algum jeito."

"Entendeu o quê?"

Parecendo quase orgulhosa de si mesma, Panchos se inclinou um pouco para frente antes de dizer o seguinte:

"Quando vocês saem, a Adachi tá sempre preocupada com a aparência dela — até mais do que o normal. Ela leva um tempão para se arrumar. Já você, Shimamura, sempre aparece com a roupa de sempre. Eu tô certa?"

"Err, bem..."

Eu estava prestes a dizer que não, claro que ela não estava certa, mas ao olhar para trás e pensar nos nossos encontros anteriores... *Hmm.*

"É... Acho que não posso negar que as coisas acabam sendo assim."

“Hahaha”, dei uma risadinha seca enquanto olhava para o lado.

Nunca tinha realmente percebido isso antes. Só agora. *Talvez fosse melhor começar a prestar um pouco mais de atenção nisso daqui para frente?*

*Assim como Adachi era minha namorada, eu também era a namorada dela.*

"Essa foi a impressão que eu tive conversando com você. Você é bem mais, como dizer, relaxada do que eu imaginava."

"Relaxada, é?"

Eu definitivamente já ouvi isso sobre o meu rosto depois de acordar. Eu meio que queria ver como ele ficava, mas infelizmente nunca tive a oportunidade; quando finalmente chegava perto do espelho, depois de me falarem sobre isso, meu rosto já estava rígido.

Não que isso tivesse algo a ver com o comentário da Panchos. Não tinha.

Houve uma breve pausa na conversa enquanto ambas paramos por um momento para tomar um gole de nossas respectivas garrafas.

Eu teria deixado Yashiro tomar um gole também, se Panchos não estivesse aqui, mas enfim.

O corredor ainda permanecia vazio, exceto por nós. Eu não sentia ninguém por perto. Apenas o leve zumbido da máquina de vendas ecoava pelo vento.

"Você se importaria se eu te perguntasse algo mais direto?"

*Mais perguntas.* Eu sinalizei algo nesse sentido para ela com os olhos, fazendo com que Panchos pressionasse a tampa da garrafa de chá contra o lábio inferior.

"Eu não quero te deixar brava. Mas, eu vou perguntar de qualquer jeito. Não costumo encontrar pessoas como você, sabe."

"Hmm, suponho que sim."

"Hã? Quer dizer que conhece outras?"

As imagens de Hino e Nagafuji apareceram na minha mente.

"Não, na verdade não."

"É, exatamente", ela respondeu com entusiasmo. Dava para ver o rosto dela brilhando de curiosidade.

"Pode perguntar, então. Mas não prometo que vou conseguir responder."

Pelas formas como os cantos da boca de Panchos se levantaram, diria que é justo supor que ela ficou satisfeita com a minha resposta.

Ela então abriu a boca lentamente e fez a seguinte pergunta:

"Você gosta de garotas, né, Shimamura?"

"Hmm..."

Logo de cara, fui pega com uma pergunta que eu tinha dificuldades em responder. *O que fazer?*

Eu mal tinha experiência em me apaixonar por pessoas para fazer uma comparação justa.

"Você já olhou para as garotas da nossa turma e pensou 'caramba, elas são lindas'?"

"'Caramba'...?"

Sentindo-me um pouco desconfortável, levantei o olhar para Panchos, só para ela continuar me encarando.

"Err, não. Não acho que sim."

"Você está corando, não está?"

Ela me leu direitinho. Um leve sorriso surgiu no rosto de Panchos enquanto ela coçava a bochecha.

"E quanto à Adachi?"

"A Adachi gosta... de mim, eu acho."

"Oh?"

"Seja homem ou mulher, ela nunca olha para ninguém além de mim."

"Ohh?"

As tentativas dela de se surpreender deixaram a desejar.

"Já era de se esperar. Como eu disse, casalzinho apaixonado."

"Hahaha..."

*Ela gostava mesmo desse termo, não é? Apaixonado.* Como o nome sugeria, exigia o afeto de duas pessoas.

*Hmm... Nós tínhamos isso, não tínhamos? Sim, provavelmente.*

"Quem sabe para onde vai evoluir a partir daí."

"É. Evoluir."

"Você já olhou para o peito de uma garota e pensou, tipo 'Quero apert— Cof. 'Quero tocar neles'?"

*Por que ela sentiu a necessidade de se corrigir? Não tenho certeza.* Além disso, eu preferiria se ela não tivesse feito o gesto no ar.

"Não, na verdade não. Bem, às vezes vejo pessoas com seios bem grandes e penso 'Nossa, enormes!', mas é basicamente isso."

*Pensando bem, suponho que todo mundo compartilhava esse sentimento. Tome Nagafuji como exemplo. Alguém poderia passar por ela sem pensar nisso? Duvido.*

"Humpf. Ainda assim, seus olhos devem vagar de vez em quando, né?"

Panchos acompanhou essa pergunta empinando levemente o peito com a mão no quadril.

...Se eu tivesse que estimar, diria que os dela eram de tamanho semelhante aos da Adachi.

Além disso, ela estava agindo de forma bem despreocupada aqui. Essa foi a impressão que tive ao encará-la de baixo.

"Você deixaria eu tocar se eu dissesse que queria?"

*Estava certo isso? Era mesmo possível que as coisas neste mundo funcionassem tão facilmente? Eu não tinha ideia, mas decidi perguntar mesmo assim, só para ver.*

Uma vida tão simples seria como viver em um Paraíso Marinho.

Apesar de estar empinando o peito momentos antes, Panchos agora decidiu escondê-lo. Você podia ouvi-la murmurando para si mesma enquanto pensava em como responder.

"Bem, você é bem bonita. Eu poderia te deixar fazer isso uma vez. Espera, mas... Você é, tipo, muito a fim disso?"

"Hã?"

Nunca antes alguém tinha me dito algo assim. *Eu estava a fim? A fim de tocar em peitos?*

Eu podia sentir um tremor estranho percorrendo meu corpo — um que eu sabia que deveria manter para mim, se possível.

"Desculpa, mas acho que vou ter que recusar."

Panchos acompanhou esse pedido de desculpas acenando a mão para mim. A realidade muitas vezes era dura.

"Ah, tá bom. Acho que é o melhor, honestamente. Sinto que a Adachi poderia me matar se descobrisse."

*Sério, apenas discutir o assunto já poderia ser perigoso por si só.*

"É que ela fica com ciúmes muito facilmente."

Muito? Mais como extremamente. Às vezes, eu sentia que precisaria de cem de mim para preencher o mundo dela.

*O que para mim era amoroso, para ela era cinco vezes mais.*

"A julgar pela sua cara... Ah, sim. Acho que entendi."

Os cantos da boca de Panchos se ergueram, formando um leve sorriso. O jeito que ela estava agindo aqui fazia parecer que ela tinha descoberto algo.

"Entendeu o quê?"

"Que Adachi é o tipo de garota que só foca em uma coisa de cada vez e presta pouca atenção a qualquer outra coisa."

*Nossa, caramba.* Embora eu não demonstrasse, fiquei bastante impressionada.

*Bom olho.*

"Ainda prefiro churros a ciúmes", disse uma voz abafada de dentro da minha bolsa. Dei um chute na lateral dela.

"Hmm?"

Panchos olhou ao redor. Quanto a mim, fingi que não tinha ouvido nada.

"Bem, tanto faz. Este lugar é bem antigo. Acho que faz sentido que seja assombrado também."

*Estava mesmo tudo bem ela deixar por isso mesmo? Não que eu estivesse reclamando.*

"Mas voltando. Peço desculpas de antemão se isso soar um pouco inadequado."

"Combinaria perfeitamente com suas outras perguntas."

Minha repreensão foi recebida com uma tosse constrangida. *O que ela ia perguntar dessa vez? Em que direção ela iria?* Senti meu peito apertar só um pouquinho enquanto me preparava para o que estava por vir.

Panchos abriu a boca e, soando um pouco mais baixo que antes, disse as seguintes palavras:

"Você já a viu nua? A Adachi, quero dizer?"

"Sim. Ontem."

"Ontem!?"

Completamente surpresa com minha resposta, Panchos acabou batendo a nuca na parede atrás dela. Mas não parecia ter doído. Devia ser resultado daquele treinamento que ela mencionou.

*Como exatamente alguém treinava a cabeça? Bater contra objetos cada vez mais duros parecia uma opção, embora, se você fizesse isso, eu meio que sentia que você acabaria quebrando o crânio antes de fazer qualquer progresso.*

"Ontem... Ah, você quer dizer no banho?"

Parecia que ela finalmente entendeu o que eu quis dizer.

"Estava pensando em outra coisa?"

"Hã? Ah, err..." Panchos murmurou para si mesma. Dava para ver suas bochechas ficando vermelhas. "Eu só estava imaginando se você quis dizer, tipo, sabe… quando vocês estavam sozinhas no quarto... É. É!"

Duas vezes ela fez esse som. Independentemente do que devesse significar, ela certamente disse com força.

"É."

"É, é."

Ela estava começando a soar como algum tipo de instrumento. Após tomar um momento para se acalmar, Panchos decidiu fazer mais uma pergunta:

"Qual de vocês se declarou?"

"A Adachi."

*Eu ia contar tudo sobre nós? Acho que sim.*

"Entendi. Faz sentido. Hehehe."

Me incomodava um pouco o jeito que Panchos ria para si mesma.

"Por quê? Por que faz sentido?"

"Bem, é que você não parece o tipo que está realmente interessada nas outras pessoas."

Apesar do tom suave de sua voz, o conteúdo de seu comentário me atravessou como uma flecha.

"Tipo, embora você se dê bem com as pessoas ao seu redor, parece que, por dentro, você não se importa muito de qualquer forma."

"....."

"Ah, espera. Talvez não seja bem assim..." ela começou a se corrigir rapidamente. Eu ainda não tinha dito uma palavra. "Acho que é errado dizer que você não se importa com nada. Isso soa bem negativo. O que quero dizer é mais sobre o que falamos sobre se arrumar para um encontro. Sim, algo desse tipo. Você aceita as coisas como elas são. Não importa pra— Espera, não. Não, não."

Ela só continuava.

Nunca imaginei que uma colega de classe com quem, francamente, não interagi muito, demonstrasse esse nível de conhecimento sobre mim.

Estaria mentindo se dissesse que não me senti um pouco assustada. *Será que Adachi e eu éramos realmente tão transparentes?*

"É tão óbvio assim?"

"Antes era muito mais. Agora, não tanto, acho."

"Então, como você diria que somos agora?"

"Hmm? Um casal apaixonado, claro."

Esse “apaixonado” continuava me assustando.

Por outro lado, por algum motivo, tive a impressão de que Adachi não teria problema algum com outras pessoas nos vendo dessa forma.

"Onde quer que eu vá, a paixão sempre está presente."

"Aposto que, pra você, até o ar parece tingido com a cor do amor."

"Espero que não. Isso soa assustador."

O ar era claramente transparente. Quanto ao amor... acho que era vermelho.

*O que mais era vermelho? A Adachi, suponho.* Suas bochechas e orelhas certamente tinham um tom avermelhado forte na maior parte do tempo.

Da mesma forma, o jorro de sangue que saiu da boca dela quando confessou seus sentimentos por mim também era vermelho.

"Ainda assim, considerando tudo isso, o fato de você estar com a Adachi deve significar que você gosta bastante dela."

Foi esse comentário casual que me trouxe de volta à realidade.

Ela falava em um tom de voz muito calmo, quase como se o assunto não tivesse nada a ver com ela, e foi exatamente por isso que suas palavras alcançaram meu coração desprotegido sem interrupção. Como a luz fluindo para uma caverna sob as ondas, elas me preencheram por dentro.

Levantei o olhar, e o que vi brilhando acima de mim parecia muito mais deslumbrante do que as luzes do corredor.

"É."

*Talvez fosse assim.*

*Eu gostava da Adachi. É.*

Dando pouca atenção ao impacto que seu comentário teve em mim, Panchos prosseguiu:

"Se você algum dia sentir que precisa de um tempo a sós com ela, é só me avisar. Eu afasto as garotas três e quatro e deixo o quarto pra vocês, pombinhas. Ah, espera... Hmm. Acho que vai ser um pouco, como dizer, difícil dormir lá depois do ocorrido. Muito vívido."

Da boca dela saiu um som espesso, denso, como se estivesse se debatendo, se afogando em pleno chão.

"Agradeço, mas o sentimento já é suficiente. Sério."

Estávamos em uma viagem escolar. Claro que não faríamos... nada desse tipo.

*Um dia desses. Um dia desses o quê?* Tentei lembrar daquela imagem escondida nos cantos mais distantes da minha mente.

Infelizmente, não consegui; como se tivessem saído do quadro, esses pensamentos rapidamente se tornaram inacessíveis para mim.

Todas as tentativas de visualizá-los estavam destinadas a terminar em dor de cabeça e um pouco mais.

"Ah, e sinta-se à vontade pra passar o dia como quiser. Não precisa ficar com a gente."

"Idem. Eu odiaria ver você fazendo concessões por nossa causa."

"Tá bom."

Panchos não mostrou sinais reais de discordância. Ela simplesmente aceitava as coisas como eram, e devo dizer, gostei bastante disso.

"Beleza. Foi divertido", ela declarou, se afastando da parede.

Eu tendia a concordar; a conversa que acabamos de ter parecia significativa para mim de várias maneiras diferentes. Grande parte disso era o fato de que eu não costumava conversar com pessoas sobre esse tipo de coisa.

Eu realmente me abri para ela, e agora, só podia esperar que seus lábios não se mostrassem completamente soltos. *Talvez ela treinasse os lábios também? Vamos torcer que sim.*

"Acho que o que mais gostei foi descobrir que você é uma pessoa muito mais interessante do que eu pensava. Agora, hora de voltar."

Dito isso, Panchos se virou. Seus pés e seus sapatos — cujos calcanhares estavam esmagados, como mencionado antes — faziam um som bem peculiar ao entrarem em contato com o chão.

Foi só quando ela virou a esquina que percebi que estava prendendo a respiração.

Um grande suspiro escapou da minha boca. Junto com o ar, senti o início de uma dor de cabeça que vinha me incomodando também se dissipar.

Eu realmente falei muito com a Panchos. E digo isso seriamente; foi a tal ponto que, se este mundo fosse diferente, um mais sombrio, eu poderia muito bem ter me tornado a próxima vítima dela. Ainda bem que ela foi tão receptiva. Se não, Adachi também poderia ter acabado machucada.

"Quer um chá?" perguntei à minha bolsa. Um segundo se passou, após o qual uma mão branca como neve apareceu de dentro. *Assustador, assustador.* "Mostre a cabeça também."

"Opa."

Entreguei a garrafa de chá para essa criatura estranha que agora me encarava.

"Chup, chup."

*Que som esquisito*. Não era nem um pouco o que eu esperaria de alguém bebendo chá.

"Não é fácil ser você, né, Shimamura?"

"Hmm. Acho que não."

"Agora, vou dormir."

"Boa noite."

Mal Yashiro desapareceu dentro da bolsa, o som fraco de seu ronco chegou aos meus ouvidos.

*Realmente, que criatura simples ela era.* Eu me peguei ficando um pouco com inveja.

Joguei a bolsa sobre o ombro e, assim como Panchos havia feito antes, comecei a voltar.

A primeira coisa que notei ao chegar ao quarto foi que a porta havia sido deixada aberta. *Será que Panchos previu que eu a seguiria? Parecia a explicação mais provável.* Entrei e vi que as outras três ainda estavam dormindo. Dava para perceber pelas formas que seus *futons* faziam. Falando em Panchos, ela havia puxado a cortina de uma das janelas para o lado e agora olhava para fora, para as árvores banhadas pelo sol da manhã. Suas folhas ainda pareciam um pouco escuras, indicando que a noite não havia passado completamente. Parei um momento para observá-las também, e, ao fazer isso, quase podia sentir o cheiro de terra à distância.

Depois de um instante, caminhei até onde Adachi dormia e me agachei ao lado dela. O jeito que ela se mexia para lá e para cá deixava claro que não gostava da luz que entrava. Decidi dar um leve chacoalhão nela — o suficiente para acordá-la.

Meu plano funcionou, e logo Adachi abriu os olhos.

"Bom dia", disse suavemente, o que fez uma expressão de choque aparecer em seu rosto. *Ela estava chocada? Chocada com o quê? Se eu tivesse que chutar, diria que provavelmente era pelo fato de eu ter acordado antes dela.*

Isso, ou talvez sua mente ainda estivesse presa nos eventos de ontem.

Levou alguns momentos para Adachi focar os olhos e a mente.

"Bom dia, Shimamura."

Dito isso, ela desviou o olhar para baixo, apenas para perceber que não estávamos mais de mãos dadas. Ela parecia tão triste — tão relutante em se separar.

No canto da minha visão, vi Panchos balançando a cabeça para si mesma com os braços cruzados.

Que papel ela ocupava em toda essa história? E nós, que papel tínhamos? Acabei soltando uma risada ao refletir sobre isso.

***

Nosso destino para o segundo dia de viagem era um parque temático. Era o que dizia o guia.

Subimos no ônibus logo após o café da manhã — indicando o quão apertado era nosso cronograma — e agora estávamos a caminho. *Por que o ar parecia tão frio? Seria por estarmos cercados por montanhas? Talvez.*

Assim como na noite passada, o céu novamente parecia claro e sem uma única nuvem.

Agora, devo admitir, o que disse antes foi um pouco mentira: o ônibus não nos levaria diretamente ao parque temático. Em vez disso, havia um certo lugar onde faríamos uma parada antes.

"Aparentemente, o parque temático tem tema holandês. O que vem à sua mente quando ouve a palavra Holanda?" perguntei à Adachi, que estava sentada ao meu lado, recebendo um curto "nada" em resposta. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, apenas para suas bochechas ficarem vermelhas logo em seguida. Era como se ela tivesse se lembrado de algo. Rapidamente, ela desviou o olhar de mim para a janela.

"Nem vou perguntar."

"N-Não é nada."

"De volta a visitar o Planeta Nada, é?"

Essa pequena provocação rendeu um biquinho da Adachi, refletido na janela.

Encarando-a, notei que a estrada atrás dela estava gradualmente ficando mais estreita e íngreme.

Parecia que estávamos indo em direção a uma montanha dessa vez — não aquela perto da pousada onde passamos a noite, mas uma montanha diferente. Eu não estava particularmente animada com isso. *Por quê? Bem, principalmente porque montanhas eram uma visão bem comum de onde viemos.*

De vez em quando, fragmentos da conversa que tive com Panchos mais cedo naquela manhã apareciam em minha mente.

Uma parte de mim não podia evitar sentir que essa experiência se provaria imensamente significativa no futuro. Dito isso, o que deixou a maior impressão em mim foi toda aquela coisa de “casal apaixonado”, que, por si só, não importava muito de um jeito ou de outro. Talvez não houvesse motivo para pensar nisso, afinal. *Talvez não.* Apenas um único pensamento permaneceu quando limpei minha mente do resto, e, como se guiada por ele, desviei meu olhar para a Adachi.

Seu rosto parecia pintado em um tom leve de vermelho, semelhante ao das folhas após a chegada do outono.

*Eu gostava dela. Gostava da Adachi. Não havia como negar. Em situações em que eu afastaria outras pessoas, eu a deixava ficar. Sua presença, eu não me importava. Não me importava de estar com ela.*

*Até onde isso seria capaz de nos levar? Até onde estávamos planejando ir?*

No presente, nós duas havíamos chegado aos confins do Japão. Isso me levou a pensar: *e depois? Qual seria nosso próximo destino?*

Passei um bom tempo pensando nisso. Enquanto isso, o ônibus finalmente chegou ao pé da montanha para onde estávamos indo.

Até eu sabia o nome dessa. Também sabia que era um vulcão ativo.

O ônibus não nos levou diretamente montanha acima, mas sim a uma grande área de estacionamento localizada nas proximidades. Como logo nos foi dito pelo professor, era ali que faríamos uma parada. *Mas por quê?* Olhando ao redor, podia ver muitos outros estudantes inclinando a cabeça, claramente tão perplexos com o rumo dos acontecimentos quanto eu.

Mal o ônibus parou, essas perguntas foram respondidas.

Era como se tivéssemos entrado em uma nuvem.

Em todas as direções, estávamos cercados por uma névoa espessa.

"Não consigo ver nada", Adachi comentou, com o rosto praticamente colado na janela. Ela não era, de forma alguma, a única fazendo isso. Como eles, eu também fui pega um pouco desprevenida; nunca na minha vida havia experimentado uma névoa tão densa quanto essa.

Em meio a essa confusão, o professor nos ordenou que saíssemos do veículo. Também nos foi dito para evitar nos movimentarmos de forma descuidada. *Agora, o que constituía um movimento descuidado? Isso não nos foi explicado.*

Embora, por um momento, eu tenha me perguntado o que fazer com minha bolsa, acabei jogando-a sobre o ombro. Por quê? Nenhum motivo em particular. Acho que pensei que ela — sendo a Yashiro — poderia achar a névoa intrigante ou algo assim.

Fomos colocados em uma fila, e um a um, os estudantes à minha frente saíram do ônibus. Suas reações, seus gritos e suspiros, me enchiam de uma mistura de curiosidade e apreensão. Olhei por cima do ombro, apenas para ver Adachi me seguindo de perto. Ela não parecia nem de longe tão interessada quanto eu.

Logo chegou a minha vez.

"Nossa."

Bastou um instante para o mundo ao meu redor ficar cinza. Não conseguia mais ver nada. Bem, isso não era totalmente preciso; para ser mais exata, eu só conseguia ver a névoa. Virei-me pela segunda vez, e, assim, toda a estrutura do ônibus foi envolvida pela bruma.

Uma série de vozes dos outros estudantes chegou aos meus ouvidos vinda da escuridão. Era impossível para mim avaliar com precisão minha distância até eles, e, como resultado, me vi entrando em pânico só um pouquinho. Vale mencionar também que a temperatura do ar aqui era ligeiramente mais baixa em comparação com a pousada onde ficamos, fazendo-me estremecer.

*Qual era o ditado que descrevia uma situação dessa natureza? Perdida no mar? Hmm... Não, isso não fazia muito sentido. Para começar, eu estava em terra firme, não no mar.*

"No que estou pensando... Cercada por todos os lados? Não... Ah, já sei. Perdida em um labirinto de névoa."

Finalmente, me veio à mente. Resolvida essa questão, o que fiz em seguida foi olhar ao meu redor. Para onde quer que eu olhasse, tudo estava envolto em névoa. Tudo parecia igual. *Como eu deveria saber para qual direção seguir?*

Eu estava andando sem um objetivo claro quando, de repente, o ombro de uma pessoa apareceu do nada na névoa. *Nossa!* Precisei que o ombro chegasse a uns trinta centímetros do meu rosto para finalmente notá-lo. *Só mais um motivo para eu não vagar muito por aí, suponho.*

Infelizmente, essa percepção veio tarde demais; quando pensei em voltar, o ônibus já havia desaparecido da minha vista. Além disso, a mesma Adachi, que eu tinha certeza de que estava logo atrás de mim, não estava mais em lugar nenhum.

*Eu estava indo em direção ao ônibus ou me afastando dele? Não havia como ter certeza.*

"Shimamura."

Foi então que ouvi. Adachi estava me chamando.

"Adachi!"

Chamei de volta. “Shimamura, Shimamura”, eu a ouvia gritar. *De onde? Não tinha certeza.* Achava difícil determinar a direção exata dela.

Como percebi, o fato de tudo parecer igual em todas as direções tinha o efeito de tornar até mesmo os ouvidos pouco confiáveis. *Quem diria.*

Tentei usar todos os meus cinco sentidos, mas sem sucesso. Estava perdida. Completamente perdida.

"Onde você está?"

"Aqui."

Assumindo que Adachi também estava andando por aí procurando por mim, as chances de nos encontrarmos por acaso eram baixas. Dito isso, como eu não imaginava que ela ficaria parada, parecia que eu teria que interromper minha busca por enquanto.

Enquanto estava ali, a voz do professor, que estava reunindo os outros estudantes, chegou aos meus ouvidos. Eu ainda não tinha ideia de que direção vinha. Me parecia que tinha sido muito imprudente nos deixar sair do ônibus em primeiro lugar, embora, por outro lado, duvido que até mesmo o professor já tivesse enfrentado uma névoa tão espessa antes.

Vendo que a névoa não poderia durar para sempre, o pior cenário seria que teríamos que esperar por um tempo indeterminado.

Não era o caso de eu não gostar disso — de não me mover. Longe disso.

Joguei minha bolsa sobre o ombro mais uma vez e, enquanto focava meus ouvidos na voz fraca da Adachi, me virei para olhar à minha frente.

Um pensamento cruzou minha mente enquanto encarava a parede de névoa interminável: *seria assim um mundo sem a Adachi?*

"....."

Uma névoa intransponível e exaustiva, drenando as últimas gotas da minha força de vontade até onde a vista alcançava.

De certa forma, esse cenário tinha uma grande semelhança com os dias que passei ociosamente durante meu primeiro ano no ensino médio.

Se as coisas permanecessem assim, eu nunca conseguiria ir a lugar algum. Era o que eu pensava.

E, no entanto, agora, aqui estava eu. Em um lugar completamente diferente. Em um lugar completamente novo.

Um pensamento me invadiu: *eu tinha que encontrar a Adachi.*

Não sei por que isso aconteceu — talvez a força dos meus sentimentos tivesse alcançado ela — mas, no instante seguinte, ouvi uma voz falando comigo de dentro da minha bolsa.

"Para a direita."

*Direita?* Perguntei na forma de estender a mão na direção indicada.

As pontas dos meus dedos tocaram o que parecia ser o ombro de uma pessoa. Através da névoa, essa pessoa tocou minha mão. Embora parecesse chocada no

início, quase hesitante, após deslizar os dedos contra as pontas dos meus, quem quer que fosse me agarrou com força. Foi aí que eu também percebi o que estava acontecendo. A força do aperto da pessoa, o jeito que ela apertou minha mão, só podia ser ela.

Seu toque me informou que eu estava correta antes que meus olhos confirmassem.

"Encontrei você, Shimamura."

Como se estivesse afastando a névoa, Adachi veio até mim.

Ela pegou minhas mãos e as apertou com força. Instantaneamente, me senti relaxada. Havíamos nos separado por menos de um minuto, e ainda assim, por algum motivo, a sensação de separação que experimentei me atingiu muito mais forte do que o normal. A julgar pelo seu sorriso completamente desprotegido — uma expressão não muito comum em seu rosto — Adachi parecia compartilhar muito do meu sentimento.

Continuamos de mãos dadas, assim como fizemos na noite anterior antes de dormir.

Dessa vez, era a névoa que nos escondia.

"Obrigada."

Essas palavras de gratidão não eram direcionadas à Adachi, mas sim à minha bolsa.

"Bem, então, vou voltar a dormir."

"Tá bom."

Misturando-se com os sons dos pássaros ao longe, uma série de roncos caricatos logo chegou aos meus ouvidos.

"Com quem você está falando?"

"Só comigo mesma. Agora... Sei que já disse uma vez, mas isso é realmente algo fora do comum."

Adachi estava bem ali na minha frente, mas, mesmo assim, tudo, exceto as mãos que eu segurava, já havia desaparecido da minha vista.

Naturalmente, isso também significava que não havia como eu saber que tipo de expressão ela tinha no rosto.

E ainda assim, eu sentia sua presença. Embora não pudesse vê-la, sabia que ela estava ali.

Nossas mãos nos uniam. Elas formavam uma ponte entre nós.

"Que tal darmos uma volta?"

Eu sabia que deveríamos seguir as ordens do professor e nos reunir com os outros, mas simplesmente não estava com vontade.

Eu estava andando por aí com o único objetivo de procurar a Adachi. Agora que a encontrei, não tinha mais um objetivo em mente. Para onde quer que eu fosse, era tudo a mesma coisa. Nada mais importava.

"Mesmo que eu tenha esquecido, o fato é que somos delinquentes. Isso mesmo. Garotas más."

*Essa minha maldade estava se espalhando para a Adachi também enquanto ela segurava minha mão? Sim, estava. Sem dúvida.*

Foi essa convicção — essa crença — que me levou a pedir que ela viesse comigo, a ignorar o que o professor disse e simplesmente fazer o que queríamos.

Embora eu ainda não pudesse ver seu rosto, o jeito como Adachi movia o braço para cima e para baixo deixava claro que ela concordava comigo.

"Vamos."

"Tá bom."

"Acho que não terei outra oportunidade de andar de mãos dadas com você tão cedo, então, é..."

*O que exatamente ela quis dizer com isso?* Levei alguns momentos encarando a névoa para entender o verdadeiro significado por trás de suas palavras.

"Que estranho. Você não é do tipo que costuma se preocupar com esse tipo de coisa."

"Não, eu... não me importo. É só que pensei que você poderia se importar, Shimamura..."

*Eu? Adachi estava considerando meus sentimentos?* Não pude evitar sentir que fazia um tempo desde a última vez que isso aconteceu.

*Será que muito sangue subiu para a cabeça dela ontem à noite no banho e ela voltou a ficar calma e controlada?*

*Se for assim, talvez permitir que ela olhasse para meu corpo como quisesse tenha valido a pena, afinal.*

*...Isso foi uma piada. Sim. Seguindo em frente.*

"Ainda bancando a boazinha, é?"

Foi especialmente estranho, considerando que éramos claramente delinquentes indo contra as ordens do professor. *Havia algum motivo para isso, garotas más fingindo ser boas? Havia algum motivo para o que estávamos fazendo aqui em primeiro lugar? Sim, havia. Era o que meu coração desejava, e eu estava fazendo o meu melhor para cumprir seus desejos.*

Eu queria caminhar pela névoa. Eu realmente queria. Simples assim.

Nós duas, Adachi e eu, continuamos caminhando em direção ao que estava à nossa frente. Estávamos indo em frente.

Embora os outros talvez não conseguissem ver, para nós, esse caminho parecia firme — inalterável.

"Você sabe o que pensei quando te perdi na névoa?"

"Hmm?"

Eu podia sentir os dedos da Adachi apertando minha mão ainda mais forte. Era como se ela estivesse me puxando para perto dela.

"Se eu ficasse sem você... todo dia seria exatamente assim: vazio."

"....."

*Seria por causa da névoa que bloqueava nossa visão que, em vez do meu rosto, Adachi estava agora olhando diretamente para a minha mente?*

*Ou será que talvez nós fôssemos tão semelhantes assim, no fundo?*

"...Shimamura?"

*Devo dizer isso? Ou não devo?* No fim, decidi falar. Afinal, meu rosto estava escondido, então não precisava me preocupar com isso.

"Eu também."

"...Hã?"

"Eu pensei a mesma coisa."

“Hehehe”, eu ri, deixando um pouco de ambiguidade nas minhas palavras. Adachi parecia não gostar de como eu estava provocando ela, e como se fosse o som de um sino ou algo assim, ela apertou meu braço.

"Repita isso. Por favor. Mais uma vez."

"Nada feito. A névoa está prestes a se dissipar."

*Por que isso importava? Bem, se a névoa realmente se dissipasse e Adachi me visse dizendo algo assim para ela... Então seria realmente vergonhoso. Sim, vergonhoso.*

"Err, não? Ainda está aqui, a névoa."

"Hmm, será? Talvez eu sugue tudo."

Falando em voz alta essa bobagem, continuei caminhando para frente, ainda sem conseguir ver nada.

Era difícil explicar o porquê, mas de certa forma, parecia que eu havia dado um passo rumo ao futuro.

Uma memória da paisagem que eu havia testemunhado na balsa veio à minha mente. Lá estava eu, no meio do oceano, observando um vasto campo de nada. O destino para o qual estávamos indo parecia completamente envolto em névoa. E ainda assim, eu não me sentia incomodada. Nem um pouco. Se eu pudesse ver ou não, não importava nem um pouco. Enquanto estivéssemos juntas, enquanto Adachi estivesse ao meu lado, eu conseguiria entender tudo, até mesmo através da névoa.

Uma sensação nova e fresca, diferente de qualquer coisa que eu tivesse experimentado antes, preencheu minha mente; pela primeira vez na minha vida, me senti verdadeiramente invencível.

***

Depois que isso terminou, pegamos o ônibus para a cidade como planejado e fizemos um passeio pelo parque temático.

Era um lugar bem interessante, para ser honesta. Flores por todo lado. Adachi e eu até decidimos nos afastar do grupo em um determinado momento.

E ainda assim, o que mais me impressionou naquele dia foi o tempo que passamos dentro da névoa.

***

Na segunda noite da viagem, foi decidido que ficaríamos em um hotel. O prédio era bem mais alto verticalmente do que a casa de hóspedes.

Não pude deixar de imaginar uma fatia de bolo de castella enquanto olhava para ele.

Essas foram minhas primeiras impressões. Tentei compartilhá-las com a Adachi também, mas ela me chamou de esquisita.

Era óbvio, mas um único quarto de hotel não era nem de longe grande o suficiente para acomodar cinco pessoas. Por isso, cada grupo recebeu dois quartos para dividir.

Mal perguntei sobre isso e Panchos fez a seguinte declaração:

"Nos três vamos dormir juntas. Vocês ficam com o outro quarto..."

*Que consideração descarada da parte dela.* Quanto às outras duas, elas não pareceram ter objeções, mas também não poderiam ter reclamado, mesmo que quisessem, já que Panchos rapidamente as arrastou para longe com seu braço musculoso. *Acho que fazia sentido; ter a gente por perto certamente mataria o clima de novo, como no dia anterior.*

E assim, ficamos apenas nós duas. *Bem, tecnicamente três, eu acho. Mas, como só eu sabia da presença da Yashiro, não fazia muito sentido contá-la, certo? Não, provavelmente não.* De qualquer forma, o que fiz a seguir foi colocar minha bolsa ao lado da cama antes de me sentar nela e dar um suspiro profundo.

"Foi um dia e tanto."

Aparentemente, ainda tínhamos uma hora até o jantar.

Não tinha dúvida na minha mente de que, se eu deitasse, aquela hora teria acabado antes que eu soubesse.

Sabendo disso, teria preferido que fosse três horas, em vez disso.

*E agora?* Uma parte de mim queria apenas rolar para trás e deixar a natureza cuidar do resto. Acabei quase cedendo a esses desejos quando, de repente, percebi Adachi se contorcendo na cama em frente à minha. Ela estava encolhida, com ambos os joelhos pressionados bem juntos.

"Está tudo bem?"

"Somos só nós duas..." ela murmurou, nervosa. *Sim, isso mesmo. Essa era a situação aqui.* Pessoalmente, não pude deixar de sentir que já era um pouco tarde para estar preocupada com isso.

"Sim, e? Não ficamos sempre assim, só nós duas? Tipo, na minha casa e tal?"

*E no ginásio, só para dar outro exemplo.*

"Bem, sim, mas é diferente. Estamos em um quarto de hotel..." Adachi afirmou, seus olhos olhando para o teto. Já não estava mais murmurando. Se me perguntassem, eu diria que ela estava falando muito mais rápido do que o normal dessa vez. *Então, o fato de ser um quarto de hotel era o cerne do problema? Sim, sim. Faz sentido.*

"Eu sinto perigo."

"Hã?"

"Eek~."

Eu imediatamente envolvi minhas mãos nas mesmas partes do meu corpo nas quais ela tinha se concentrado no banho, como se quisesse escondê-las. *Quais partes eram essas? Você vai ter que imaginar.* Afinal, dado o quanto ela tinha me encarado, talvez ela já tivesse adquirido o poder de ver através dos meus braços e das minhas roupas. Acho que isso é comumente chamado de poder da imaginação.

A julgar pela expressão confusa que apareceu no rosto da Adachi, parecia seguro dizer que ela chegou à mesma conclusão. Algumas palavras murmuradas saíram de sua boca, embora eu honestamente não soubesse como elas deveriam se conectar.

"Acho que vou te pedir para explicar o que você quer dizer outra hora, depois que voltarmos."

Com isso, tirei meus sapatos, pulei na cama e me acomodei.

Deitada de lado, estendi meu braço na direção da Adachi.

"Quer se juntar a mim, Adachi?"

Meu convite foi inicialmente recebido com silêncio. Foi só um segundo depois que Adachi deu um passo para trás de maneira bem dramática.

"Eu... sinto perigo."

"Tá tudo bem. Eu confio em você."

Não que eu tivesse alguma dúvida sobre ela. Eu estava mais do que ciente da extensão de sua bondade e coragem.

Dito isso, Adachi também tinha a tendência de, às vezes, agir completamente contra as minhas expectativas. Era essa parte dela que a tornava a pessoa que ela era.

"Imaginei que você preferiria assim."

Havia duas camas, sim, mas havia também um espaço bem visível entre elas — uma leve distância.

*Por que isso era um problema exatamente?* Bem, digamos que fôssemos conversar, cada uma deitada na sua própria cama. Levaria um tempo para que nossas vozes chegassem até a outra pessoa, e considerando o que passamos hoje, eu honestamente sentia que poderia acabar adormecendo enquanto esperava.

Até agora, era realmente difícil para mim não bocejar.

Eu precisava de algo para me manter acordada, e esse algo era a Adachi.

"Se você quiser, então, por favor. Venha."

"T-Tá bom, então."

Com certa hesitação, Adachi foi se arrastando até minha cama e, como se tivesse tropeçado, despencou sobre ela. Logo depois, rolou e bateu a testa no meu ombro.

"Geh!"

De forma alguma eu descreveria isso como ela me tocando suavemente. Não, *realmente* doeu.

Com um grande círculo vermelho no meio da testa, Adachi ficou me encarando em silêncio.

Quanto a mim, escolhi recebê-la com um sorriso.

"Bem-vinda."

"T-Tá."

Esses tipos de respostas indecisas se tornaram um hábito recente da Adachi.

*Agora, o que seria que ela estava procurando? O que ela queria aqui? Eu tinha uma boa ideia.*

"Você quer descansar a cabeça no meu braço? Ou você quer que eu descanse a minha no seu?"

"Qual dos dois?", eu repeti, balançando a mão no ar. Com uma expressão apreensiva no rosto, Adachi ficou me encarando por um momento antes de finalmente abrir a boca:

"Os dois, eu acho..."

"Ohh? Bem, claro. Por que não?"

Coloquei meu braço sob a cabeça da Adachi, e ela fez o mesmo com o dela. Embora fosse meio estranho, especialmente do jeito que nossos braços ficaram meio que descansando um sobre o outro, no final, ambas pudemos sentir a suavidade uma da outra — assim como o peso das cabeças. *Claro, poderíamos ter revezado, mas onde estaria o charme nisso?*

Eu podia sentir o cabelo da Adachi fazendo cócegas na minha mão enquanto relaxava o corpo.

"Então, como foi a viagem escolar pra você?"

Eu a perguntei como uma mãe faria. Como eu tinha percebido recentemente, nossa relação tinha esse lado também. Dito isso, havia algo nessa situação que me fazia sentir uma certa relutância. Para começar, eu era jovem demais para ser mãe. *Muitas vezes me perguntava, eu não poderia ser apenas sua irmã mais velha?* Esse papel era um que eu já estava acostumada a desempenhar.

"Hmm... Um pouco."

Isso era mais ou menos o que eu esperava. Adachi não era muito boa em grupos.

Só fazia sentido ela reagir a uma viagem escolar dessa forma.

"Mas você gostou do banho, não gostou?"

"Eu gostei de ver você n— Err, espera. Não. Nada. Para de ser tão maldosa..."

Eu pude sentir o braço contra o qual eu estava repousada batendo na minha cabeça.

"Tô zoando. Enfim, também sinto mais ou menos o mesmo."

Houveram muitas coisas agradáveis que aconteceram, não me entenda mal. Eu também já estava mais do que ciente de certos fatores. E ainda assim, apesar de tudo isso, minha impressão da viagem continuava a mesma.

"Acho que é porque ainda parece que fui a algum lugar com meus pais."

Eu peguei um avião, sim, mas não paguei a passagem com meu próprio dinheiro.

Esta era a minha barreira atual — o ponto que eu, neste momento, não conseguia ultrapassar.

Deitada na cama, eu encarava a visão de cabeça para baixo diante de mim.

As cortinas da janela estavam abertas, e além delas, o céu noturno sem uma única nuvem podia ser visto.

"Supostamente, os dias que seguem uma noite sem nuvens tendem a ser com neblina."

"Hmm..."

"Isso só mostra que não podemos prever o que o amanhã vai trazer."

Por exemplo, eu jamais teria imaginado que conheceria a Adachi um dia antes de isso acontecer.

E, ainda assim, aqui estamos agora, deitadas na cama uma ao lado da outra.

*Quem poderia prever isso? Ninguém.*

O que aparece na névoa do amanhã é um mundo ainda desconhecido.

"Eu às vezes me pergunto, até onde seríamos capazes de ir juntas? Eu adoraria descobrir e ver com meus próprios olhos."

Com a minha cabeça descansando na mão dela que me segurava, eu disse essas palavras para a Adachi. Ela não me deu uma resposta exata.

Eu não poderia culpá-la; eu ainda não tinha explicado o que estava querendo dizer. Mesmo assim, continuei.

"Chegamos até aqui, mas e daqui a cinco anos? E daqui a dez? Onde estaremos então, até onde seremos capazes de ir? Eu penso nisso com frequência. O futuro pode estar encoberto pela névoa, mas quero seguir em direção a ele mesmo assim."

Eu não tinha confiança na minha capacidade de fazer qualquer progresso se estivesse vagando pela escuridão sozinha.

Ainda assim, com a Adachi ao meu lado e segurando minha mão, eu tinha certeza de que não me perderia.

Falando na Adachi, ela estava agora me encarando com os olhos bem abertos. Eu tinha que admitir, o fato de ela não estar piscando me deixava um pouco preocupada.

"Não tenho certeza se entendo muito bem o que você quer dizer."

"Certo."

"Mas, está tudo bem. Não importa. O que importa é..."

*O que eu disse não importava? Que rude da parte dela.*

"Dez anos... Você ainda quer estar comigo... depois de dez anos?"

Repetindo apenas a parte que mais importava para ela, Adachi buscou uma confirmação.

*Dez anos, né?*

Era apenas um tempo aleatório que eu tinha escolhido. Não tinha nenhum significado mais profundo. E ainda assim, ao mesmo tempo, havia uma parte de mim que sentia de forma diferente.

Decidi escolher esses sentimentos para transmitir a ela.

"Sim, acho que sim."

Adachi realmente era a única pessoa por quem eu sentia isso.

Da mesma forma, embora em um nível diferente, eu também era a única pessoa em quem Adachi pensava.

A quantidade de sentimento entre nós era mais do que suficiente para continuarmos existindo juntas.

Eu não precisava de um impulso mais forte do que esse para escolher qual caminho seguir.

Os olhos da Adachi ainda estavam abertos. No entanto, ao contrário de antes, agora pareciam brilhar.

A expressão em seu rosto era a mesma que ela fez quando descobriu que fomos colocadas na mesma sala de aula.

"Pode levar dez anos, ou até mais, mas da próxima vez, vamos viajar para o exterior, só nós duas."

A mesma viagem que eu tinha recusado no início, agora eu sugeria. Enquanto fazia isso, o rosto de outra garota apareceu na minha mente.

Depois que chegássemos em casa, era certo que eu teria que ter uma conversa com ela.

"Espera, quando você disse 'até onde', você quis dizer literalmente?"

"Hã? Você não quer?"

Viajar para um lugar distante ia exigir dinheiro. Também ia exigir tempo. No fim das contas, não era tão simples assim.

Não, precisaríamos fazer isso juntas.

Adachi balançou a cabeça de um lado para o outro. Isso fez com que o cabelo dela roçasse no meu braço, e, para ser honesta, doía bastante.

E ainda assim, havia algo sobre essa dor que também era agradável.

"Amanhã vai fazer névoa."

"É..."

De mãos dadas, mais uma vez atravessaríamos aquela névoa.

E assim, a noite caiu sobre nossa pequena jornada.

Ela serviu como um começo, uma promessa de mais por vir.

***

"Cheguei."

"Bem-vinda. Lembrancinhas, por favor."

"Lembrancinhas, né? Certo, então. Por que você não tenta dar uma olhada naquela bolsa ali?"

Minha irmã fez o que eu disse e puxou a bolsa que eu tinha levado para o corredor mais cedo. Ou pelo menos tentou; antes que pudesse, a bolsa se abriu sozinha. A "lembrancinha" então pulou para fora.

"Ah! Yachi!"

O que exatamente gerava o som que a acompanhava? Eu não fazia ideia.